



7 9 ABR 1986

Sarney vai anunciar a Constituinte também. Para ganhar espaço.

Confirmado o longo impedimento do presidente eleito Tancredo Neves, o presidente interino, José Sarney, deverá fazer comunicação formal à Nação, da decisão da Nova República, de convocar eleição para Assembléia Nacional Constituinte, em novembro de 1986. Esse ato político, segundo líderes da Aliança Democrática, será da maior importância para Sarney afirmar-se na Presidência interina.

As medidas previstas nas áreas social, econômica, política e administrativa também começarão a ser adotadas, evitando-se o vazio do governo. Os planos e projetos que seriam equacionados por Tancredo serão conduzidos por Sarney. O líder do governo, deputado Pimenta da Veiga, esclareceu que não se pode confundir planos de emergência com projetos de impacto. "O governo não deverá adotar a prática dos impactos", que podem ter efeito positivo no início, mas depois, como um bumerangue, trariam resultados negativos — disse ele.

Para o líder governista, os planos emergenciais contra a fome, contra o desemprego, pela melhoria de vida, não podem ser considerados de "impactos", mas uma definição de prioridade.

Quanto ao compromisso da Aliança Democrática, de convocar a Constituinte, o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen, disse que sua concretização "seria a melhor homenagem" aos ideais democráticos de Tancredo Neves.

Tancredo assumiu compromissos e aceitou as reivindicações que lhe foram apresentadas, de mudanças político-institucionais. Ele seria o executor das mudanças, respaldado pela grande maioria da Nação. Devido às circunstâncias, ele terá de ficar afastado temporariamente do centro de decisões. Para a Aliança Democrática, o País sentiria muito mais a ausência de Tancredo se nada fosse feito. Esta é a posição do ministro Fernando Lyra, do presidente do PFL e do líder Pimenta da Veiga.

Daí a decisão de tocar "pra frente" a Nova República, em todos os setores — político, econômico, social e administrativo. Será a melhor forma de homenagear os ideais democráticos do presidente hospitalizado e de procurar corresponder aos anseios da sociedade — afirmam os líderes do governo.

O presidente em exercício conversou muito e com muitos políticos, nos últimos dias, no Palácio do Jaburu. Só com o líder do governo na Câmara, Pimenta da Veiga, a conversa durou mais de três horas.

A prevista longa interinidade de José Sarney no Palácio do Planalto terá de ser respaldada, de maneira efetiva, pelo Congresso e pela sociedade. Experiente e capaz, Sarney não ignora que poderá enfrentar dificuldades na Câmara, mais do que no Senado.

Tendo sido senador por duas legislaturas, ele conviveu com quase todos os senadores mais de 14 anos. Tem trânsito, conhece a Casa e seus ocupantes, mantendo em todos relações de amizade, em menor e maior intensidade. Não tem inimigos, mas deve ter adversários.

Na Câmara, o quadro é diferente. Sarney terá de dedicar atenção especial aos deputados, de todos os partidos e das mais diversas facções e cores. Para isso contará com a integral colaboração dos líderes do PMDB e da Frente Liberal.

No plano político-administrativo tem-se como certo que a equipe escolhida por Tancredo será fiel ao substituto, não estando prevista reforma ministerial, se confirmada a longa interinidade de José Sarney. Haveria compreensão e apoio de todos, até mesmo por que muitos dos ministros, desde a escolha, já tinham planos de se afastarem a 14 de maio de 1986, a fim de disputar eleições a 15 de novembro — governos estaduais, Senado e Câmara. Pela atual legislação, ministros de Estado devem desincompatibilizar-se seis meses antes do pleito, se candidatos.

Apesar de tudo, Sarney está confiante e com disposição de realizar sua difícil tarefa — a de substituir na Presidência um estadista do porte de Tancredo Neves. Para isso ele vai precisar do apoio da Nação. E esse apoio ele já está pedindo.

Flamarion Mossri